



## **Desafios para pensar a geração de conhecimento no campo do jornalismo<sup>1</sup>**

Carlos Eduardo Franciscato<sup>2</sup>

Universidade Federal de Sergipe

### **Resumo:**

Este *paper* apresenta um roteiro inicial de questões de ordem teórica para investigar a construção de conhecimento no campo do jornalismo. O objetivo do trabalho é levantar alguns elementos conceituais para considerar que o campo do jornalismo é formado por uma diversidade de modos de conhecimento. Destacaremos três formas: um conhecimento científico, gerado no ambiente acadêmico, de caráter sistemático e reflexivo; um segundo conhecimento de caráter interpretativo, construído e preservado pela comunidade profissional dos jornalistas; e um terceiro, gerado sob a lógica organizacional e do sistema de produção jornalística. Esta geração de conhecimentos apresenta uma diversidade não só das formas e conteúdos, mas diferenças decorrentes dos interesses específicos de valoração e uso de cada ator, o que gera desafios para a produção compartilhada de conhecimento.

### **Palavras-Chave:**

Teorias do Jornalismo. Conhecimento científico. Campo do jornalismo.

### **1. Introdução**

Os estudos sobre jornalismo vêm acompanhando os debates e desenvolvimentos das ciências sociais e humanas nos últimos cem anos, recorrendo a seus pressupostos e metodologias e enfrentando um conjunto de problemas, dilemas e impasses que as disciplinas deste campo vêm enfrentando.

Entendemos que a investigação sobre o grau de aplicabilidade do conhecimento científico ao jornalismo deve abordar uma discussão fundamental sobre os modelos de pesquisa mais apropriados a esta área. Tal discussão, de ordem predominantemente metodológica, é necessária à medida que os estudos em jornalismo vêm procurando desenvolver uma autonomia teórica capaz de fundar um campo de saber conceitual e instrumental.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na NP Jornalismo, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe. Mestre e Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Jornalista. E-mail: cfranciscato@uol.com.br.



O objetivo deste *paper* é executar uma discussão teórica, de base bibliográfica, que possibilite esclarecer pontos frágeis sobre o tema e, desta forma, contribuam para a construção de uma noção de conhecimento no campo do jornalismo. Em particular, o texto procura levantar algumas bases conceituais que possam tornar sustentável e operacional a concepção de que o campo do jornalismo é formado por uma diversidade de formas de conhecimento. Em primeiro lugar, destaca-se um conhecimento sistemático, reflexivo, característico da investigação científica. Como resultado deste esforço, pesquisadores vêm formulando modelos de análise e explicação do fenômeno jornalístico, em busca da constituição de um *corpus* teórico com a intenção de denominar-se “Teorias do Jornalismo”.

Em segundo lugar, há um conhecimento imerso na comunidade profissional formada pelos jornalistas. De fundo prático, este conhecimento transmite normas, procedimentos, técnicas e concepções sobre os modos de fazer jornalismo, sobre a natureza do conteúdo produzido e sobre o papel que a atividade jornalística desempenha na sociedade. Por último, salientaremos neste *paper* uma terceira forma de conhecimento sobre o jornalismo: aquele gerado do ponto de vista dos setores produtivos. Este terceiro tipo de conhecimento identifica e sistematiza formas de produção organizacional e, muitas vezes, industrial de produção jornalística. Construído a partir do interesse dos responsáveis pela gestão do processo de produção, este conhecimento tem uma natureza eminentemente aplicada e voltada para a obtenção de resultados.

Estas três formas de conhecimento são as que, em nossa compreensão, compõem o campo do jornalismo. Inicialmente, iremos apresentar alguns desafios que constituem o próprio campo científico da pesquisa em jornalismo, seja pela sua característica transversal a uma área específica do conhecimento (recebendo contribuições das ciências humanas, por um lado, e das ciências aplicadas, por outro), seja pelas conseqüências que esta transversalidade traz para aspectos metodológicos dos estudos em jornalismo, com uma alternância entre metodologias de pesquisa descritiva (quantitativas e qualitativas) e metodologias de pesquisa aplicada.

## **2. O problema do conhecimento na sociedade**

O tema do conhecimento tem recebido uma atenção como um dos objetos relevantes das Ciências Sociais. Seja na conformação de uma subárea de estudos, denominada Sociologia do Conhecimento, seja na relação entre conhecimento,

tecnologia e sociedade, os tratamentos reforçam a centralidade do objeto para compreender as transformações da sociedade. Neste *paper*, seguiremos a perspectiva que o cientista social Anthony Giddens dá ao papel do conhecimento nas sociedades modernas.

Giddens não aceita que o conhecimento nas sociedades deva ser visto de um ponto de vista meramente instrumental, em que o conhecimento geraria necessariamente maior controle sobre a vida social e o mundo físico. Em vez de adotar uma perspectiva de que sociologia pudesse “nos dar uma espécie de controle sobre as instituições sociais semelhantes àquela proporcionada pelas ciências físicas no domínio da natureza” (1991, p. 23), Giddens identifica limitações no conhecimento do mundo, particularmente as limitações que o conhecimento poderia proporcionar de dominação e controle sobre o mundo social: “Nenhuma quantidade de conhecimento acumulado sobre a vida social poderia abranger todas as circunstâncias de sua implementação” (1991, p. 50-51).

Por isto, o autor opta por uma perspectiva de “hermenêutica dupla”, que se realizaria no ato do conhecimento em voltar-se sobre o seu objeto: “*o conhecimento sociológico espirala dentro e fora do universo da vida social, reconstituindo tanto este universo como a si mesmo como uma parte integral deste processo*” (1991, p. 24). O conceito de reflexividade é central na teoria social de Giddens, para quem a vida social consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas a partir da informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter (1991, p. 45).

A reflexividade do conhecimento se dará por este ter uma natureza contingente. Há um processo de mútua influência, por meio da qual o conhecimento se realiza não apenas como um discurso sobre o mundo social, mas contribui para constituir este mundo (e também o natural), ao mesmo tempo em que a experiência social altera o conhecimento. Na modernidade, a reflexividade é “introduzida na própria base da reprodução do sistema, de forma que o pensamento e a ação estão constantemente refratados entre si” (GIDDENS, 1991, p. 45). Conforme Antonio Ozai da Silva (2005), na modernidade reflexiva, “o *conhecer* não significa estar certo, ou seja, o conhecimento está sempre sob dúvida e incide sobre as práticas sociais e estas sobre o mesmo.”

Esta reflexividade do conhecimento se caracteriza por um movimento do conhecimento de voltar-se sobre as práticas. “Não é uma questão de não existir um mundo social estável a ser conhecido, mas de que o conhecimento deste mundo



contribui para seu caráter instável ou mutável” (GIDDENS, 1991, p. 51). O conhecimento social tem, então, uma dimensão diferenciada do aspecto de controle ou mesmo de estabilidade. Opera, isto sim, em uma situação de “circularidade” entre o processo de geração de conhecimento e sua apropriação social: “O conhecimento novo (conceitos, teorias, descobertas) não torna simplesmente o mundo social mais transparente, mas altera sua natureza, projetando-a para novas direções” (GIDDENS, 1991, p. 153).

Para o autor, as instituições da modernidade foram formadas a partir das contribuições que o conhecimento das ciências sociais ofereceu para a constituição das práticas sociais: “a revisão crônica das práticas sociais à luz do conhecimento sobre estas práticas é parte do próprio tecido das instituições modernas” (GIDDENS, 1991, p. 47).

Além deste aspecto de reflexividade e circularidade do conhecimento, Giddens procura entender a sociedade como geradora de uma variedade de saberes. O conhecimento científico não é uma forma única de saber capaz de organizar a sociedade. Giddens considera a importância da “consciência prática”:

O que os agentes sabem acerca do que fazem e de por que o fazem – sua cognoscitividade *como* agentes – está largamente contido na consciência prática. Esta consiste em todas as coisas que os atores conhecem tacitamente sobre como ‘continuar’ nos contextos da vida social sem serem capazes de lhes dar uma expressão discursiva direta (1989, p. XIX).

Isto significa reconhecer a presença e legitimidade de formas diferenciadas de conhecimento convivendo em um mesmo espaço social. Dentre estas, podemos citar tipologias como “conhecimento científico” e “conhecimento leigo” ou, em outro exemplo, “conhecimento codificado” e “conhecimento tácito”. Sarita Albagli considera existir atualmente um crescente reconhecimento da importância do chamado conhecimento implícito e tácito, valorizando-se não apenas o conhecimento formalizado e dito avançado (conhecimento científico-tecnológico), mas também o “conhecimento não-formalizado e não-estruturado, construído nas práticas dos indivíduos, organizações, comunidades e regiões” (2006, p. 19).

Esta dupla noção de conhecimento serve não apenas para compreender discursivamente o mundo social, mas para perceber modos de interação entre conhecimentos (científico ou leigo) e práticas sociais. Albagli considera que a compreensão destas relações pode contribuir para o crescimento organizacional:

O conhecimento codificado é mais facilmente descrito e disseminado de um lugar a outro, particularmente por meio das TIC; mas para assimilação e uso de toda informação/conhecimento codificado são necessários conhecimentos tácitos. O conhecimento tácito passa então a ser considerado um diferencial básico de desenvolvimento e competitividade (Albagli, 2006, p. 19).

Estas considerações conceituais sobre o conhecimento nas sociedades modernas oferecem-nos o percurso teórico para investigar as formas de conhecimento presentes no campo do jornalismo. Iremos trabalhar três noções de conhecimento: um científico, gerado no ambiente acadêmico, de caráter sistemático e reflexivo; um segundo conhecimento de caráter interpretativo, construído e preservado pela comunidade profissional formada pelos jornalistas (Zelizer, 2000); e uma terceira forma de conhecimento, gerado sob a lógica organizacional e do sistema de produção jornalística.

### **3. O conhecimento acadêmico sobre o jornalismo**

Uma primeira dimensão do conhecimento do campo do jornalismo situa-se na esfera da produção acadêmica de conhecimento sobre o jornalismo. Ou seja, entender a dimensão do jornalismo como um campo social<sup>3</sup> implica em considerar a presença de diferentes atores, dotados de legitimidade, autoridade e reconhecimento, com atuação no processo de constituição de saberes sobre o campo. O grupo dos pesquisadores em jornalismo, mesmo que seja, internamente, uma coletividade múltipla, com diferentes matrizes, metodologias e intenções de estudo sobre o jornalismo, constituem um ator com características gerais semelhantes dentro do campo do jornalismo. São eles os que possuem autoridade para produzir um conhecimento sistemático e reflexivo sobre o jornalismo, elaborando um discurso com as regras e exigências do campo científico.

Como parte das teorias de comunicação, os estudos de jornalismo têm acompanhado os debates e desenvolvimentos das ciências humanas nos últimos cem anos, recorrendo também a seus pressupostos e metodologias e enfrentando, de forma semelhante, suas grandes polêmicas. Em outras palavras, as pesquisas em jornalismo

---

<sup>3</sup> A noção de campo do jornalismo será trabalhada, neste *paper*, a partir da compreensão de campo social de Pierre Bourdieu. Para o autor, campo é um “espaço social estruturado, um campo de forças - há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço - que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias” (BOURDIEU, 1997, p. 57).



têm estado à mercê de um conjunto de problemas, dilemas e impasses que estas ciências enfrentam.

Se por um lado esta semelhança e vinculação são necessárias para inserir estas pesquisas em uma tradição de pensamento acadêmico, por outro lado tem também gerado dificuldades nos avanços que o jornalismo, como campo específico de saberes, necessita alcançar para qualificar teórica e instrumentalmente sua atividade. Uma das dificuldades reside na insuficiência de formulação de um consistente aparato conceitual próprio que possa explicar a atividade. Em vez disso, pesquisas em jornalismo têm sofrido uma tendência a conduzir suas discussões para o interior de disciplinas humanísticas fundadoras de quadros conceituais. Tal movimento redundante, pela própria natureza de rigor disciplinar da tradição, em uma exigência de o pesquisador em jornalismo dar conta dos problemas (epistemológicos inclusive) destas disciplinas, e tal enfrentamento lhe faz tirar o foco principal sobre as questões conceituais específicas do jornalismo.

Um segundo nível de argumentos para considerar o conhecimento científico produzido no campo do jornalismo direciona-se para questionar se a vinculação disciplinar mais adequada para a área de jornalismo seria o campo das ciências sociais aplicadas, em vez de se localizar no das ciências humanas, *locus* de onde surge a maioria dos estudos comunicacionais e, também, de jornalismo (Meditsch 2004; Machado, 2004, 2005). Como defesa inicial desta tese está um argumento institucional: em sua divisão das áreas de conhecimento, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) insere a área de comunicação (e, em decorrência, a de jornalismo) no campo das Ciências Sociais Aplicadas.

Entretanto, o principal argumento em favor desta tese é qualitativo: o jornalismo é uma atividade social prática<sup>4</sup> que necessita da pesquisa aplicada para o seu desenvolvimento. A atividade jornalística é um *corpus* de conhecimentos e procedimentos individuais, coletivos e organizacionais que exigem um contínuo aperfeiçoamento tanto para corresponder às exigências sociais quanto para dar conta das

---

<sup>4</sup> Aplicamos a compreensão de que o jornalismo é uma atividade social prática no sentido de tratarmos preferencialmente do conjunto das práticas (habilidades e técnicas) executadas pelos jornalistas e das normas, valores e conhecimentos que conformam, dão discernimento e orientam esta prática. Os jornalistas integram o corpo coletivo que compõe a instituição jornalística, mas são eles também que fazem a atividade jornalística ser um corpo de saberes dinâmico, que é recriado diariamente em sua produção, mesmo que condicionado por estruturas e recursos de produção e por normas e valores internalizados (Franciscato, 2005).



transformações sociais no campo da tecnologia, economia, política e cultura, bem como estimulam a busca de inovações de processos e produtos jornalísticos.

Há, aqui, um importante ponto de convergência entre o setor acadêmico e o produtivo, com possibilidade de produção de conhecimento (objetivo maior da academia) que tenha fins aplicados (interesses das organizações produtivas, como as indústrias da mídia). Meditsch (2004, p. 99) considera que a indústria jornalística brasileira vem, nos últimos anos, buscando apoio das universidades para a solução de seus problemas, sem encontrar interlocutor interessado ou capacitado para esta parceria. Machado (2005) considera que a hesitação dos pesquisadores em jornalismo em optar por realizar pesquisa social aplicada (preferindo localizar-se no campo das ciências humanas) tem gerado, na área, uma incapacidade em desenvolver metodologias próprias de pesquisa e, em conseqüência, dificuldades em se constituir como um campo de conhecimento.

A identificação de possíveis interações criativas entre o conhecimento científico e as necessidades do setor produtivo e, particularmente, a ênfase na necessidade de a academia criar metodologias para possibilitar esta interseção indica um conjunto de desafios para a constituição do campo do jornalismo. Consideramos que um dos pontos que dificultam a aproximação entre atores do campo do jornalismo está no não reconhecimento das especificidades e singularidades das diferentes formas de conhecimento produzidas por estes atores.

#### **4. Competências e problemas na troca de conhecimentos entre a academia e os atores jornalísticos**

Para considerarmos o campo do jornalismo como um espaço de interação constituído por atores produzindo diferentes formas de conhecimento válidos para a definição das características e objetos do campo, precisamos operar uma compreensão do objeto além das fronteiras acadêmicas. Concordamos com Albagli e Maciel quando as autoras entendem que a produção de qualquer produto ou serviço pode resultar em aprendizado e gerar conhecimento, “mesmo que esse não tivesse sido o objetivo inicial. A dificuldade reside justamente em captar e avaliar os fluxos de conhecimento tácito, especialmente aqueles gerados de maneira não intencional” (2004, p. 13).

Iremos abordar três competências específicas que geram conhecimentos como relevantes para a constituição do campo do jornalismo. A primeira competência é aquela geradora de conhecimento científico. Este conhecimento é resultante de um



esforço histórico de formulação nos estudos sobre jornalismo, independente das sub-áreas do conhecimento a que estes estudos se filiem.

A segunda competência pode ser nomeada como ‘conhecimento especializado’: é aquele produzido por atores com domínio e saber técnico em uma área específica, gerando um saber complexo, envolto em técnicas, práticas, procedimentos e regramentos, mas não necessariamente científico. Tal modo pode ser mais bem compreendido a partir da conceituação de Giddens de “sistemas peritos”, os quais, para o autor, são “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos” (1991, p. 35). Estes sistemas são reconhecidos socialmente por meio de um tipo de “fé” que depositamos sobre a competência daqueles que detêm o “conhecimento perito”.

O jornalismo é um sistema perito porque confiamos na competência técnica do jornalista e em seu compromisso de procurar relatar fatos socialmente relevantes de forma equilibrada, com a exatidão possível e com intenção de fidelidade ao real. Não temos como comprovar se, a cada momento, o jornalista está executando isto, mas, no conjunto, confiamos no aparato técnico da profissão. O jornalismo opera com três níveis de saberes especializados que conformam a atividade e o conteúdo jornalístico: a) os saberes ativados cotidianamente pela comunidade profissional ao realizarem suas práticas jornalísticas; b) o setor produtivo, que detém o controle estrutural e organizacional do processo de produção jornalística; e c) as fontes de informação ouvidas pelos repórteres, cujo conhecimento especializado sobre temas e situações torna-as autorizadas a contribuir com o jornalista com informações e interpretações para a construção do relato sobre o fato.

A terceira competência manifesta-se na produção de um conhecimento leigo, resultante de noções não sistematizadas nem operacionalizadas sobre o jornalismo. Este é o conhecimento que o público tem sobre o jornalismo: não domina suas técnicas, seus procedimentos, nem seus conceitos, mas tem uma noção elementar do que é o jornalismo e do papel dele em suas vidas. Neste conjunto de saberes situam-se tanto a crença do público na funcionalidade do sistema perito do jornalismo quanto nos valores, curiosidades, interesses e expectativas que, ao serem captadas pela organização jornalística, são, em alguma medida, incorporadas pelos jornalistas na sua prática e contribuem para a conformação do produto noticioso.

O conhecimento leigo do público sobre o jornalismo completa o ciclo de conhecimentos que constituem o campo do jornalismo, só que de uma forma reativa.





Utilizando Giddens, localizamos um sentido de “hermenêutica dupla” neste ciclo. Os conhecimentos que os atores do campo do jornalismo produzem em suas práticas (sejam conceitos, procedimentos e conteúdos jornalísticos) sofrem um caráter reflexivo nos processos de recepção social das notícias ou dos discursos expressos sobre elas. A circulação das notícias ocorre com base em valores e qualidades legitimados socialmente e reforçados a cada novo ciclo de circulação, os quais se manifestam em procedimentos práticos (reações dos leitores em contato com as redações dos jornais) ou especializados (pesquisas de audiência).

### **5. Interações entre as formas de conhecimento no campo do jornalismo**

A sistematização acima irá nos possibilitar a construção de um esquema provisório de interações possíveis entre os diferentes atores do campo do jornalismo na geração de conhecimento necessário à consolidação do campo e da atividade jornalística. Em nossa proposta de análise, iremos considerar três principais atores responsáveis pela construção de conhecimento no campo do jornalismo: a) os pesquisadores (academia); b) a comunidade profissional (os jornalistas); c) o setor produtivo (empresas, organizações e coletividades estruturadas em torno de unidades produtivas de jornalismo).

Como estamos observando, neste *paper*, o ambiente da produção, não estão aqui expressos os leitores com seu conhecimento leigo. Entretanto, argumentamos anteriormente que o público age reativamente sobre o campo, o que faz com que suas noções e impressões sejam apreendidas e tenham influência de forma indireta e complementar no movimento circular de conhecimento dentro do campo.

Cada ator do ambiente da produção é responsável por uma forma diferenciada de conhecimento no campo do jornalismo. Antes de relacionar estes atores a estas formas de conhecimento, vamos primeiro apresentá-las, traçando algumas características gerais. Utilizando um exercício analítico e, de certa forma, esquemático, consideramos haver três percepções da relação entre conhecimento e jornalismo:

- a) “Conhecimento do jornalismo”
- b) “Conhecimento no jornalismo”
- c) “Conhecimento para o jornalismo”

Aplicamos nesta classificação um jogo de linguagem que, para além do seu aspecto lúdico, esperamos ser revelador das nuances entre formas aparentemente próximas de conhecimento:

### **a) “Conhecimento do jornalismo”**

Utilizamos esta expressão para nomear a forma de conhecimento científico, caracterizada pelo conhecimento sistemático, reflexivo, típico dos estudos científicos de viés descritivo e especulativo, conforme exposto no item anterior. É gerado com base em critérios metodológicos rigorosos que regem a investigação científica, com suas regras de apreensão, interpretação e validação do conhecimento. A forma típica de conhecimento resultante é um “discurso sobre o jornalismo”.

### **b) “Conhecimento no jornalismo”**

Para aceitarmos esta primeira dimensão do conhecimento, é necessário considerar, como pressuposto, que a atividade jornalística, em seu exercício cotidiano, não apenas transmite um relato sobre as formas de conhecimento do mundo, mas que seu próprio processo de produzir relatos, interpretações, sumarizações, recortes e colagens com base em princípios normativos de fidelidade à realidade dos fatos torna-se, no conjunto, um tipo específico de conhecimento sobre o mundo (Meditsch, 1998).

No campo da produção, o jornalista opera dois estoques de conhecimento: um resultante da operação de regras, técnicas, valores e impressões subjetivas que o jornalista possui, prévios e condicionantes do fazer jornalístico; outro, formado pelas noções culturalmente construídas sobre o mundo e sobre os objetos tematizados na cobertura jornalística, conteúdos normalmente mais próximos ao senso comum do que ao conhecimento especializado.

A forma de “conhecimento no jornalismo” surge de um conhecimento especializado que o jornalista detém e executa ao articular as regras e valores procedimentais e as noções sobre o mundo. É um movimento que exige uma competência de execução, portanto o “conhecimento no jornalismo” torna-se um saber especializado, que surge no ambiente do mundo, incorpora seus valores, mas sofre uma transformação exercida pela operação do jornalista.

Por isto, o “conhecimento no jornalismo”, mesmo estando vinculado ao senso comum, surge como narrativa transformadora destas noções de mundo, processo transformador que é compreendido apenas em pequeno grau pelo público. Este processo de produção constitui um “sistema perito” em relação ao qual o público, em vez de entender a produção jornalística em detalhes, aceita confiar nas competências e



compromissos do jornalista para cumprir esta responsabilidade e, em conseqüência, na conformação de um material com qualidade jornalística.

Ou seja, o conteúdo jornalístico que recebemos na forma de textos noticiosos ('texto' usado em sentido amplo) não é apenas um suporte discursivo que traz para as pessoas conhecimentos que se originam e têm coerência lógica em outros campos sociais, mas o próprio ato de construir este relato dispara dispositivos interpretativos do mundo. E este processo interpretativo é resultante de uma articulação entre uma capacidade cognoscitiva do jornalista, as normas deontológicas que orientam a atividade e as formas estético-expressivas que resultam na construção do discurso jornalístico.

Em outras palavras, afirmar a existência de uma dimensão de “conhecimento no jornalismo” é indicar que um tipo de conteúdo produzido pela ação cotidiana do jornalista, individual e coletivamente, possui um status de conhecimento prático do mundo e do seu fazer. Sua forma típica de conhecimento resultante é o produto noticioso.

### **c) “Conhecimento para o jornalismo”**

Esta terceira forma se refere ao papel que o conhecimento desempenha como um instrumento (ferramenta) que possibilite ou qualifique a realização de um processo. Nesta caracterização inicial, tal forma de conhecimento poderia ser exercida por todos os atores do campo da produção (academia, jornalistas e setor produtivo). Na abordagem que fizemos sobre o campo acadêmico do jornalismo, mostramos uma intenção de alguns pesquisadores do campo em articular pesquisa básica e aplicada, embora seja um movimento inicial que esteja carente, por exemplo, de questões fundamentais como metodologias de pesquisa aplicada.

Entendemos que esta terceira forma, o “conhecimento para o jornalismo”, é típica dos atores vinculados ao controle estrutural e organizacional da produção jornalística, que denominamos “setor produtivo”. Para este grupo de atores, que se identificam em torno do controle e gerenciamento de unidades produtivas da atividade jornalística (empresas ou organizações privadas, estatais ou de controle social), a preocupação predominante dos atores envolvidos com esta forma de conhecimento é a aplicação do conhecimento com vistas à melhoria da produção, como, por exemplo, o desenvolvimento ou aquisição de novas tecnologias voltadas para a produção jornalística.



Aqui, aspectos conceituais e normativos do jornalismo somente aparecem se dizem respeito a processos aplicados. Normalmente, esta forma de conhecimento é construída em articulação com indicadores que envolvam resultados mensuráveis, como índices de produtividade e receptividade pública do conteúdo em circulação típicos de empresas atuando em regras de mercado. São formas de conhecimento vinculadas ao “processo de fazer jornalismo”.

De modo simplificado, podemos montar um quadro resumindo as três concepções de conhecimentos do campo do jornalismo e as suas características ou usos:

<b>Tipo de concepção</b>	<b>Tipo de finalidade do conhecimento</b>
Conhecimento no jornalismo	Conhecimento como <b>produto</b> do jornalismo
Conhecimento do jornalismo	Conhecimento como <b>discurso</b> sobre o jornalismo
Conhecimento para o jornalismo	Conhecimento como <b>processo</b> de fazer jornalismo

Conforme é possível vislumbrar do argumento que estamos desenvolvendo, há diferenças essenciais no tipo de conhecimento que predominantemente produz cada ator do campo do jornalismo:

<b>Atores do campo do jornalismo</b>	<b>Tipo de conhecimento predominante</b>
<b>Academia</b>	Conhecimento como discurso sobre o jornalismo
<b>Comunidade profissional</b>	Conhecimento como produto do jornalismo
<b>Setor produtivo</b>	Conhecimento como um processo de fazer jornalismo

## 6. Desafios das interações entre as formas de conhecimento



Ao reconhecer a existência de diferentes formas de conhecimento no campo do jornalismo, devemos localizar, também, algumas dificuldades operacionais que tornam mais complexa a compreensão de uma idéia de unidade de campo do jornalismo, se considerado sob o ângulo dos tipos de conhecimento que nele circulam. Alguns aspectos podem ser salientados:

a) A geração de conhecimento no campo do jornalismo apresenta uma diversidade não só das formas e conteúdos gerados, mas diferenças que são decorrentes dos interesses específicos de **valorização** e **uso** que cada ator dá a cada tipo de conhecimento. Cada ator localiza na sua forma de conhecimento um grau de legitimidade e importância superior às demais ou, senão superior, a importância é aplicada pela familiaridade e funcionalidade de uso do conhecimento gerado por este ator. Destas diferenças surgem disputas internas pelo reconhecimento do seu conhecimento e definição de estratégias individuais de ação.

b) Os três atores relacionados como principais componentes do processo de construção do conhecimento no campo do jornalismo (academia, comunidade profissional e setor produtivo) preservam históricos antagonismos de interesses, seja baseados em disputas econômicas ou políticas (como os conflitos entre os controladores dos sistemas de produção e a comunidade profissional), seja na preservação de noções estigmatizadas ou preconceituosas sobre as competências e autoridades dos demais atores a respeito do conhecimento que possuem sobre o campo jornalístico.

c) Como há diferenças de valor e utilização dos tipos de conhecimento, haverá também concepções diferenciadas de cada ator sobre o uso de **termos, definições e linguagem** para caracterizar cada forma de conhecimento. Com linguagens e vocabulários específicos e diferenciados, distanciam-se os pontos de contato entre os atores para a construção compartilhada de conhecimento.

d) Isto indica que, para a consolidação do campo do jornalismo, é necessário que os atores responsáveis pela **geração de conhecimento** a respeito do jornalismo considerem as **múltiplas faces deste conhecimento**, e **não apenas os seus interesses específicos**. Isto significa que os atores devem buscar **pontos de contato, linguagem e interesses comuns**, que possibilitem articular aspectos como o crescimento da qualidade no



jornalismo, o ganho de produtividade na prestação de serviços noticiosos e o uso social ampliado destes novos conhecimentos para a sociedade.

## 7. Considerações finais

Ao desenvolver uma discussão teórica para analisar as formas de conhecimento existentes no campo do jornalismo, procuramos situar o papel do conhecimento nas sociedades contemporâneas e considerar, a partir de Giddens, o seu caráter provisório, incerto, reflexivo e circular. Inicialmente, porque localizamos nele a presença de três tipos de competências para a geração de conhecimento no campo: o conhecimento científico, o especializado e o leigo.

A partir destas três competências, que são de caráter geral a alguns campos sociais, partimos para uma noção mais específica dos tipos de conhecimento existentes no campo do jornalismo. Identificamos três atores principais nesta produção: os pesquisadores da área acadêmica, a comunidade dos jornalistas e o setor produtivo. Percebemos que cada ator envolve-se predominantemente com uma forma de produção de conhecimento, seja a construção de um discurso sobre o jornalismo, a elaboração do próprio produto noticioso ou o conhecimento vinculado à organização estrutural da produção.

Pensar a geração de conhecimento no campo do jornalismo implica, então, tanto vencer o desafio do distanciamento entre os valores, usos, interesses e estratégias dos diferentes atores do campo quanto formular modos eficazes de criar práticas dialógicas entre atores, suas competências e conteúdos. Isto requer uma aproximação conceitual e terminológica, bem como a aceitação dos pressupostos e interesses que fundam cada forma específica de conhecimento.

## 8. Referências bibliográficas

- ALBAGLI, Sarita. Conhecimento, inclusão social e desenvolvimento local. **Inclusão Social**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 17-22, abr./set. 2006, p. 17-22.
- ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia. Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local. **Ci. Inf., Brasília**, v. 33, n. 3, p.9-16, set./dez. 2004, p. 9-16
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FRANCISCATO, Carlos E. **A Fabricação do Presente – Como o Jornalismo Reformulou a Experiência do Tempo nas Sociedades Ocidentais**. São Cristóvão (SE): Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- MACHADO, Elias. Dos Estudos sobre o Jornalismo às teorias do Jornalismo (Três Pressupostos para a Consolidação do Jornalismo como Campo de Conhecimento). **e-compós** –



**Revista de Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.** Ed.1, dez 2004. Disponível na Internet: <http://www.compos.org.br/e-compos>. Capturado em 14 de fev. 2005.

\_\_\_\_\_. Pesquisa aplicada ao desenvolvimento. **Observatório de Imprensa.**

Disponível na Internet:

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=324DAC003>. Capturado em 3 de mar. 2005.

MEDITSCH, Eduardo. Estudos em Jornalismo. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação.** Vol XXVII, n° 2, jul/dez 2004. São Paulo: INTERCOM, 2004, p. 93-107.

\_\_\_\_\_. Jornalismo como forma de conhecimento. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação.** Vol XXI, n° 1, jan/jun. São Paulo: INTERCOM, 1998, p. 25-38.

RAPINI, M.S., **Interação Universidade-Indústria no Brasil: Uma análise exploratória a partir do Diretório de Pesquisas do CNPq.** *Dissertação de Mestrado* apresentada ao Instituto de Economia da UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

RAPINI, M; RIGHI, Hérica. O Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq e a Interação Universidade-Empresa no Brasil em 2004. **Revista Brasileira de Inovação.** Volume 5 Número 1 Janeiro / Junho 2006.

SILVA, Antônio Osai. Anotações sobre a modernidade na obra de Anthony Giddens. **Revista Espaço Acadêmico**, n° 47, Abril de 2005.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. In: **Revista de Comunicação e Linguagens**, n° 27. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2000, p. 33-61.